

José António ALVES (2014) Joaquim de Carvalho e a 'Revista Filosófica', *Delfim Santos Studies* 2, Arquivo Delfim Santos, Lisboa, 88-108.

Joaquim de Carvalho e a *Revista Filosófica*

José António Alves

O presente artigo procurará responder a duas interrogações. A primeira interrogação relaciona-se com o objeto do Colóquio *Joaquim de Carvalho e a Filosofia da Ciência em Portugal*, realizado em setembro de 2012, no Centro de Filosofia da Ciência da Universidade de Lisboa, e, nesse sentido, indaga qual, a nosso ver, o papel de Joaquim de Carvalho na Filosofia da Ciência em Portugal? A segunda pergunta relaciona-se com o objeto principal do atual texto e procura investigar qual o contributo da *Revista Filosófica* para o diálogo entre Filosofia e Ciência em Portugal?

Joaquim de Carvalho foi a figura central do referido Colóquio e é a figura central do presente artigo. Neste sentido, poderá resultar estranho ao leitor a opção que fizemos em nos centrarmos numa revista que, embora dirigida pelo Professor de Coimbra, foi o resultado da escrita e expressão de pensamento de vários autores. As razões justificativas são duas. A primeira razão já a explicitamos: a *Revista Filosófica* foi dirigida por Joaquim de Carvalho, mas mais do que isso, foi o resultado da sua orientação e eleição dos textos publicados e do seu tanto sonhar em prol do desenvolvimento da filosofia em língua portuguesa. A segunda razão prende-se com o seguinte: nos anos 30, 40 e 50, do século passado, editores, livreiros, autores e tradutores desempenharam um papel importantíssimo no florescimento da filosofia e da ciência em Portugal. Nessas décadas proliferaram uma série de monografias e publicações periódicas, quer de caráter institucional e oficial, quer de caráter marginal às instituições. Todas essas publicações desempenharam um papel crucial na difusão, promoção e debate de ideias, que muito contribuiu para a constituição

de uma consciência filosófica e científica no país. Grande parte dessas revistas estarão hoje esquecidas e perdidas nas estantes das nossas bibliotecas. Julgamos, contudo, como também o notou Augusto Fitas e colegas no texto *A filosofia da ciência no Portugal do século XX* [FITAS, RODRIGUES, NUNES 2003, 421-582], que a recensão e o estudo dos periódicos editados naqueles anos permitem conhecer melhor a efervescência cultural da época. Portanto, debruçar-nos sobre a *Revista Filosófica* será contribuir para o alargamento desse estudo e conhecimento tão necessário à História da Cultura Portuguesa. Além disso, se conhecemos estudos sobre outras publicações periódicas coevas à *Revista Filosófica*, como é o caso, por exemplo, da *Revista Portuguesa de Filosofia*, a *Brotéria*, a *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, a *Vértice*, nenhum estudo conhecemos ainda sobre a revista fundada por Joaquim de Carvalho. Assim, o presente artigo destacará a *Revista Filosófica* com o objetivo de evidenciar o contributo da publicação no âmbito da promoção, reflexão e divulgação filosófica e científica em Portugal. Para cumprir o objetivo enunciado analisaremos o editorial da Revista e pensamento do seu diretor, salientaremos os autores que colaboraram na revista e os temas apresentados. Por fim, disponibilizamos, em apêndice, o índice geral de todos os números publicados pela *Revista Filosófica*.

Joaquim de Carvalho: um historiador de ideias e um historiador com ideias

Antes, porém, uma palavra sobre Joaquim de Carvalho (1892-1958) e sobre o seu contributo geral para a Filosofia da Ciência em Portugal. A resposta implica, por um lado, salientar o contexto cultural português nas primeiras décadas do século XX e, por outro, destacar o trabalho inestimável do distinto figueirense como historiador da filosofia e da ciência em Portugal. Joaquim de Carvalho foi um trabalhador incansável na recuperação da tradição filosófica e científica portuguesa, através da recolha de elementos históricos que permitissem à cultura lusitana a construção do que Amorim de Carvalho denominou de «*consciência duma constante*» [CARVALHO s/d, 12] capaz de encorajar a construção de pensamento em língua portuguesa.

Joaquim de Carvalho é autor de uma obra vasta como bem o comprovam os nove volumes publicados pela Fundação Calouste Gulbenkian sob a organização de José V. de Pina Martins. O trabalho tão demorado de estudo e apresentação das ideias alheias nem sempre permitiu ao Professor de Coimbra desenvolver o pensamento próprio. Não duvidamos que a inteligência tão perspicaz, arguta e rigorosa não terá faltado vontade de deixar voar em si mesmo o mocho da filosofia. No entanto, toda

a vontade se terá subordinado ao dever para com o que mais importava na altura à cultura portuguesa, a recuperação de uma tradição. A este respeito sublinhou Cruz Malpique no texto que publicou na *Miscelânea a Joaquim de Carvalho*:

Tudo o que dizemos sobre as suspeitas de que talvez Joaquim de Carvalho se sentisse melhor a pensar por conta própria, do que investigar as ideias alheias, não o podemos nós demonstrar por a+b. Aos olhos, porém, do ilustre Professor, o indagar da específica filosofia portuguesa constituiu uma espécie de imperativo patriótico. E ao mandato desse superior imperativo não se quis ele furtar [MALPIQUE 1959, 128].

No início do século XX a Universidade portuguesa era ainda um projeto por cumprir e as reformas implementadas desde a época pombalina ficavam «*muito aquém do que exigiam os tempos e os espíritos mais esclarecidos do país*» [FITAS, RODRIGUES, NUNES 2008, 31]. No texto «Para a história da filosofia em Portugal», publicado em 1922 na *Revista de História*, salientava Fidelino de Figueiredo:

[...] como a especulação filosófica começa onde acaba a exata investigação natural, poderemos dizer que a essência daquelas condições, não sendo suficientes, será necessária também ao surto do pensamento filosófico. Talvez porque ela se não verificou ainda em Portugal, não exista uma filosofia portuguesa e pela mesma causa seja a nossa tradição literária tão pouco palpitante de pruridos e de ansiedades filosóficas [FIGUEIREDO 1922, 6].

E sentenciava ainda o autor no mesmo texto um pouco mais adiante:

Com o desaparecimento da geração crítica de Antero e seus antagonistas voltou a decadência dos estudos filosóficos. Logo ao abrir o século XX, num artigo publicado em 1900, o Prof. Adolfo Coelho fazia um esboço do nosso ensino filosófico até 1858 e limitava-se depois dessa data a historiar a vida interna do Curso Superior de Letras. Nessa decadência jaz ainda hoje. Só abrem exceção os trabalhos do sr. Prof. Joaquim de Carvalho, que está sendo um restaurador da historiografia filosófica entre nós, alguns estudos breves de psicologia experimental e os escritos do sr. Leonardo Coimbra, a cujo lado surgiu um moço professor que cremos excelentemente dotado para esse ramo de investigação, o sr. Newton de Macedo [FIGUEIREDO 1922, 12].

No início do século XXI o texto, já acima referido, de Augusto Fitas, Marcial Rodrigues e Maria de Fátima Nunes não é mais otimista do que o texto de Fidelino de Figueiredo. Os autores salientam a pouca produção científica no país e a consequente ausência de uma verdadeira filosofia da ciência até inícios do último quartel do século XX português. Só depois de 1974 surgiu a disciplina de História e Filosofia da Ciência nos cursos de Filosofia ministrados nas Faculdades de Letras. Assim, sublinharam os referidos autores:

O pensamento português do século XX, no âmbito da filosofia da ciência, em especial até 1974, caracterizou-se sobretudo por trabalhos de assimilação e de divulgação das ideias que chegavam de além-fronteiras, principalmente a partir das divulgações, das traduções e das teorizações feitas na língua francesa, mantendo-se a tradição oitocentista da cultura portuguesa, subsidiária da gaulesa [FITAS, RODRIGUES, NUNES 2003, 422].

Numa época em que tudo estava praticamente por fazer, a recuperação da memória filosófica e científica portuguesa foi uma das grandes tarefas em ordem ao renascimento da filosofia e da ciência em Portugal. E devemos acrescentar que não foi pouco, pois a história da ciência relaciona-se diretamente com a filosofia da ciência. Esta, sem aquela, simplesmente não existiria. Porém, Joaquim de Carvalho não foi só um historiador de ideias, foi também um historiador com ideias. O historiador figueirense não se restringiu à recuperação dos autores e suas ideias, mas organizou a investigação de acordo com a sua leitura ativa da história. Repare-se na eleição dos autores heterodoxos e temas que Joaquim de Carvalho investigou, estudou e escreveu. A escolha dos autores que o professor de Coimbra recuperou não foi resultado de critério aleatório e passivo, antes resultado da sua própria leitura criativa da história. E se foi importante o trabalho de Joaquim de Carvalho em prol da História da Ciência, que tanto fez com que descuidasse a elaboração de pensamento próprio, não poderemos deixar de sublinhar as palavras de Miguel Real a propósito do professor figueirense:

[...] se Joaquim de Carvalho não possui uma filosofia própria, possui, porém, tanto um enquadramento filosófico original do saber e da ciência, quanto uma magnetizante leitura da galeria de momentos e figuras heterodoxas da história da cultura portuguesa, caracterizando-se o seu pensamento por um racionalismo rigoroso e escrupuloso, herdeiro da leitura racionalista cientificista do século XIX... [REAL 2011, 510].

Revista Filosófica: uma obra de Joaquim de Carvalho

A *Revista Filosófica* foi uma obra de Joaquim de Carvalho. E foi, pelo menos, uma obra sonhada ao longo de cerca de 20 anos. A intenção e desejo de Joaquim de Carvalho em criar uma revista filosófica vinha de há muito. Em carta de 13 de janeiro de 1928, dizia Joaquim de Carvalho a Fidelino de Figueiredo:

Creio que 1928 verá aparecer uma revista de filosofia. Estou trabalhando na organização duma Sociedade de Filosofia: a revista seria órgão desta sociedade – a menos que, por dificuldades várias, a tenha de fazer sair como órgão do Instituto Filosófico da Faculdade.

Na época Joaquim de Carvalho colaborava na revista *Instituto: Revista Científica e Literária* criada em 1852 e editada até 1981. (Sobre esta revista disse Joaquim de Carvalho a Fidelino de Figueiredo em carta de 17 de novembro de 1928: «Creio que o *Instituto* é hoje a melhor revista de ordem geral»). Todavia o professor figueirense ansiava por uma revista de carácter especificamente filosófico. No entanto, o ambiente dos anos 20 e 30 do século XX ainda não era propício ao nascimento de uma revista de tal natureza. A comunidade filosófica era diminuta e nem os alunos inscritos nos cursos de filosofia abundavam. Decerto estas são razões que foram adiando a intenção de Joaquim de Carvalho. No fim dos anos 20 e início dos 30 o ambiente intelectual português ainda não estava preparado para receber uma revista de natureza especializada em filosofia. Note-se, por exemplo, que a falta de alunos obrigava a associar o ensino da filosofia à história. Ainda seria necessário o desenvolvimento de muito trabalho propedêutico até que a reflexão filosófica conquistasse o seu devido espaço. Tal aconteceu a partir da década de 40 com uma nova geração de filósofos formados pela academia portuguesa e pelos primeiros bolsiros formados no estrangeiro. O jesuíta Severiano Tavares afirmava em 1954, nos primeiros dez anos da *Revista Portuguesa de Filosofia*:

Não será atrevimento afirmar que se vai criando em Portugal ambiente cada vez mais propício à especulação filosófica, que se nota maior interesse pelos problemas vitais do pensamento (não só pela história do pensamento, como quase se fazia até agora)... [TAVARES 1954, 341].

Alguns meses depois da escrita destas palavras realizava-se em Braga, em março de 1955, o primeiro Congresso Nacional de Filosofia e dois anos depois, em 1957, o ensino superior da filosofia conquistava, pela primeira vez, uma licenciatura autónoma nas Universidades do Estado. Os tempos agora eram indubitavelmente outros, bem diferentes do final da década de 1920.

Assim, em março de 1951, Joaquim de Carvalho, na qualidade de diretor, apresentou finalmente aos leitores o primeiro número da *Revista Filosófica*. O periódico aparecia aos leitores com o objetivo de lhes oferecer artigos sobre estudos filosóficos e histórico-científicos. Com este objetivo em mente, a revista, editada em Coimbra pela Atlântida, manteria ao longo de sete anos, até 1957, ininterruptamente, um ritmo quadrimestral. Nestes sete anos foram publicados 21 números da revista. O último número, o 22.º, foi publicado em maio de 1959, já depois da morte de Joaquim de Carvalho, ocorrida em 1958. Neste último número, o filho, Joaquim Montezuma de Carvalho, escreveu o *In memoriam* e dá conta de que a revista continuaria. Na verdade não continuou e compreende-se que assim tenha sido. A *Revista Filosófica* era e foi efetivamente uma obra de Joaquim de Carvalho.

Nos 22 números foram publicados 95 artigos. Uma média de 4 artigos por edição, numa revista com um número de páginas médio de 100. Além dos artigos, em cada revista foram publicados artigos mais curtos sob a designação de «*marginália*», notícias de eventos filosóficos e científicos ocorridos no mundo, falecimento de autores, resenhas de livros, sumários de algumas revistas portuguesas e brasileiras.

Os temas percorrem a História da Filosofia, sobretudo portuguesa mas não só, a Metafísica, a Filosofia do Conhecimento, a Epistemologia e a Filosofia da Ciência, Psicologia e Psiquiatria, Ciências Médicas, saúde, astronomia, existencialismo, ética, política, teoria literária, estética. Os diferentes temas publicados são a prova do esforço de Joaquim de Carvalho para promover, através das páginas da revista, um verdadeiro e profícuo diálogo entre filósofos e cientistas. Também evidenciam a preocupação em promover determinadas áreas e a introdução de temas na comunidade intelectual de língua portuguesa. De todos, o tema mais recorrente e de maior atualidade foi a preocupação com a reflexão e diálogo entre ciência e filosofia. A *Revista Filosófica* publicou alguns textos de teor científico, nomeadamente da área da psicologia e psiquiatria, da neurologia, bem como apresentou diversos artigos onde o diálogo ciência–filosofia está presente, sobretudo em artigos explicitamente da área da epistemologia e filosofia da ciência.

O propósito da *Revista Filosófica*

No editorial da *Revista Filosófica*, Joaquim de Carvalho definiu três objetivos: congregar o maior número possível de intelectuais de áreas diferentes; estimular e promover o diálogo entre a ciência e a filosofia; e divulgar e incentivar o pensamento escrito em língua portuguesa.

A linha predominante no editorial e que será também a linha de força da organização da revista nos anos subsequentes está no alcandorar da importância da ciência e a necessidade do desenvolvimento científico. Joaquim de Carvalho reconhece a necessidade da teorização crítica e o diálogo entre os diferentes saberes, e, por fim, reconhece também que a filosofia sem os resultados da ciência, que alimentam a reflexão filosófica, degeneraria no ensaio opinante e na criação literária.

Somente a Ciência pode hoje esclarecer e guiar a atividade do Homem enquanto ser natural que tem de viver no meio e nas circunstâncias que lhe são dadas, e somente os conhecimentos científicos permitem que a realização das possibilidades humanas no mundo sejam instrumentalmente eficientes e emancipadoras. Sem o desenvolvimento do saber científico em todas as direções não é hoje possível o incremento da capacidade criadora do Homem; no entanto, rendida à hipertrofia da especialização, sem se deter de vez em quando na teorização crítica e na correlação dos diversos saberes, a investigação científica tende para a miopia, tal como a especulação filosófica sem a seiva nutriente dos resultados científicos tende para a degenerescência do ensaísmo opinante, de fronteiras indecisas entre o discurso concetual e a criação literária, ou para o verbalismo disputante e parenético [CARVALHO 1951, 7-8].

Ora aqui reside a relevância da *Revista Filosófica* para a contribuição do nascimento da filosofia da ciência em Portugal. Uma das atividades centrais da filosofia da ciência é por certo o diálogo filosófico e a discussão crítica da ciência.

A Ciência e a Filosofia no pensamento de Joaquim de Carvalho

O primeiro número da *Revista Filosófica* surpreende o leitor com um artigo de Joaquim de Carvalho, intitulado «Saber e filosofar», onde o professor de Coimbra desenvolve a diferenciação entre conhecimento científico e filosófico. Miguel Real considera que este texto faz parte do testamento intelectual de Joaquim de Carvalho

[cf. REAL 2011, 506]. Na verdade concordamos que é um artigo importante, onde o autor tem espaço para desenvolver o seu próprio pensamento e definir a sua orientação filosófica. Pensamos que é mesmo o texto que melhor expressa a reflexão de Joaquim de Carvalho sobre a ciência e a filosofia, bem como define o que o autor pretendia para a sua recente revista: um espaço de diálogo entre filosofia e ciência. Pois como ficará claro, Joaquim de Carvalho considera que a ciência e a filosofia são conhecimentos diferentes, mas não deixa igualmente de salientar que a ciência e a filosofia não se desenvolvem sem se relacionarem permanentemente. Nesse sentido, como veremos, a revista publicará não só textos filosóficos e de filósofos, mas também textos de ciência e de cientistas. Descobriremos ainda na *Revista Filosófica* alguns dos primeiros textos escritos em língua portuguesa sobre a reflexão explícita em filosofia da ciência.

«Saber e filosofar» é um texto que deve merecer a nossa atenção, porque é o texto onde o professor figueirense melhor explicita o seu entendimento sobre a importância do conhecimento científico, os seus limites, e a necessidade da sua vigilância pela racionalidade filosófica. Além disso, neste artigo de Joaquim de Carvalho descobrem-se os traços que estarão presentes no pensamento português subsequente, sobretudo depois da década de 1960 [cf. REAL 2011, 485].

O artigo pretende «*examinar se o saber científico é um saber que satisfaça integralmente a instância teórica, ou, talvez mais precisamente, se é um saber que exclui ou priva de fundamento o filosofar*» [CARVALHO 1951, 15]. No desenvolvimento da relação entre ciência e filosofia, Joaquim de Carvalho explora três soluções: a relação entre filosofia e ciência é semelhante à relação entre género e espécie; a ciência anula a filosofia; a ciência e a filosofia coexistem em domínios próprios. No artigo, cada uma destas opções é analisada. Na brevidade do nosso espaço ficamos com a explicitação da última, que corresponde também à opção teórica de Joaquim de Carvalho.

Na terceira opção o autor afirma que ciência e filosofia não são o mesmo, mas não divergem radicalmente [cf. CARVALHO 1951, 29]. Ciência e filosofia são conhecimentos diferentes. O conhecimento científico é universalmente válido, objetivo, assenta em factos e provas unânimes que são exatos e indubitáveis, exprime-se numa linguagem unívoca e quanto possível universal, ou seja, é um conhecimento que tende a ser o conhecimento partilhado por todos: «*um saber em que têm de coincidir observadores diferentes, sendo, portanto, um saber verificável ou demonstrável com exatidão*» [CARVALHO 1951, 30]. Por seu lado, o conhecimento filosófico conduz a resultados discutíveis, é subjetivo, não é unânime, exprime-se, muitas vezes, através de vocabulário próprio, ou seja,

[...] é sempre carateristicamente pessoal, isto é, nunca deixa de ser o filosofar de alguém, a ponto de se distinguirem mais facilmente as diversas correntes filosóficas pela referência ao seu instaurador ... do que pela problemática, pelo método ou pelas soluções [CARVALHO 1951, 29].

No entanto, apesar de serem conhecimento diferentes, ciência e filosofia são conhecimentos que se implicam mutuamente, quer pela exigência de coerência factual e racional, quer pela exigência de fundamentação e justificação mútua.

Os caminhos do filosofar não conduzem, pois, à explicação exata do que as coisas são nem como são; porém, somente pelo filosofar é possível mostrar o significado do saber e insinuar por que se dão conhecimentos cientificamente exatos, formar a imagem do Mundo coerente com as conexões, convergências, significações e possibilidades prospetivas do saber científico, esclarecer o significado e valia da existência humana e dar a cada um as razões de assentir ou de dissentir do que transcende a experiência imediata e direta [CARVALHO 1951, 33].

Esta conceção relacional e interdependente entre ciência e filosofia orientará a organização e edição da *Revista Filosófica*, procurando juntar na mesma publicação filósofos e cientistas, temas filosóficos e científicos e, sobretudo, um diálogo profícuo entre ciência e filosofia. Só no trilho do caminho traçado pela boa relação entre ciência e filosofia se conseguirá desenvolver, por um lado, uma filosofia que não ceda a hedonismos literários e psitacismos e, por outro lado, uma ciência que do anseio de tanto rigor nada diga ao ser humano.

Autores, artigos e temas publicados na *Revista Filosófica*

O elenco de autores que colaborou com a *Revista Filosófica* é grande e diversificado. Ao longos dos 22 números da *Revista Filosófica*, 63 autores diferentes inscreveram o nome nas páginas da revista, contando apenas com os artigos publicados. Se tivéssemos em conta as resenhas publicadas, os textos da secção *marginália* e algumas crónicas e notícias, o número seria ainda maior. Além de muitos colaboradores, Joaquim de Carvalho reuniu também autores de diferentes nacionalidades. Acontecia assim, através da revista, mais um contributo à abertura do espaço filosófico português ao diálogo filosófico internacional.

Dos 63 colaboradores, destacamos a título de exemplo da amplidão de nacionalidade e de área de trabalhos os seguintes: entre os autores portugueses descobrimos o Nobel da Medicina Egas Moniz, os psiquiatras Barahona Fernandes e Cruz Malpique, os filósofos Vieira de Almeida, Sílvio Lima, Eduardo Lourenço, o historiador da ciência Rómulo de Carvalho; entre os colaboradores estrangeiros, os brasileiros, Miguel Reale, João Cruz Costa, o filósofo italiano Michele Federico Sciacca, Walter Freemann, neurocirurgião americano, especializado na lobotomia, o físico argentino Mário Bunge.

Apesar do grande número de autores representados nas páginas da revista, não podemos deixar de notar algumas ausências, sobretudo a dos «discípulos» de Leonardo Coimbra e, em concreto, a colaboração de Delfim Santos.

As páginas e organização de uma revista resultam sempre numa obra diversificada e nem sempre fácil de unificar. Em todo o caso, a *Revista Filosófica* manteve ao longo do tempo uma linha editorial à qual não foi indiferente a eleição dos textos na hora de reunir o que publicar. Nesse sentido, permitimo-nos salientar de entre os muitos artigos publicados nos diferentes números, alguns textos que a nosso ver cumprem a matriz da revista.

No conjunto dos 22 números publicados, apenas dois foram organizados de um ponto de vista integralmente temático. Aconteceu assim com o número 3, de dezembro de 1951, dedicado à comemoração do quarto centenário do nascimento de Francisco Sanches. E com o número 20, de agosto de 1957, dedicado à comemoração do centenário da morte de Augusto Comte. Os restantes números não têm uma temática central a presidir à organização e razão de publicação dos artigos. Nestes os temas são mais diversificados. Porém, os artigos que nos permitimos salientar são os que versam sobre o diálogo filosofia e ciência. Primeiro, porque a relação filosofia e ciência é o mote que presidiu à posição inicial expressa pelo diretor da *Revista Filosófica*, e depois porque os artigos sobre filosofia e ciência publicados em quase todos os números da revista comprovam a intenção e cuidado de Joaquim de Carvalho em trazer o diálogo do *Saber e Filosofar* às páginas da sua revista. O professor figueirense estava bem ciente da importância desse diálogo para o futuro do desenvolvimento da filosofia e da ciência em Portugal. Joaquim de Carvalho estava sobretudo bem ciente da importância da filosofia para a construção de uma compreensão integral do ser humano e da sua posição no mundo. Estas preocupações do diretor da *Revista Filosófica* estarão refletidas nos artigos que aceitou publicar e que a seguir destacamos.

No primeiro número, logo a seguir à apresentação da posição da *Revista Filosófica* e do artigo de Joaquim de Carvalho sobre ciência e filosofia, comentado acima, oferece-se ao leitor um texto de Barahona Fernandes com o título «Ponto de

vista convergente no estudo do Homem». Neste artigo, o autor sublinha a necessidade do filosofar para que a especialização científica, em que a ciência constantemente se aprisiona no seu esforço de progresso, não faça perder o cientista no pormenor desagregado do conjunto do que ele quer compreender e conhecer. Barahona Fernandes exemplifica que mais se nota a necessidade do filosofar em áreas transdisciplinares, tais como a psiquiatria que se situa entre a biologia e a psicologia. O autor do artigo defende um ponto de vista convergente que possa contribuir para um conhecimento unitário, capaz de integrar os diferentes fatores do acontecer humano: a matéria, a vida, a consciência e o espírito.

No segundo número da revista, de julho de 1951, surge o primeiro de uma série de artigos da autoria de Vieira de Almeida. O título do artigo é «Pontos de referência». O autor lisboeta ao longo dos números seguintes da *Revista Filosófica* publicou outros artigos sob o mesmo título. Mais tarde, em 1961, o autor reuniu estes artigos, dando origem a um livro com o mesmo título atribuído aos artigos, *Pontos de referência*. Este livro foi considerado o melhor livro de Vieira de Almeida [cf. BERNARDO 2008]. O texto escolhido para prefácio do livro foi o artigo «Positivismo e positividade» também publicado na *Revista Filosófica*, no número 20, de agosto de 1957.

Ainda no segundo número da revista foi publicado um texto de Cruz Malpique sobre o elogio da ciência desinteressada, onde o autor traça a importância da investigação científica sem a preocupação da aplicação imediata.

No número 4 da *Revista Filosófica* surge o título talvez mais inesperado para a época e eventualmente inesperado para alguns de nós ao encontrarmos um tal texto numa publicação portuguesa dos anos 50. Trata-se do artigo «Cérebros eletrónicos e cérebros humanos» da autoria de Sílvio Lima. O título coloca o autor e a *Revista Filosófica* na vanguarda do pensamento sobre o que viria a ser cunhado, em 1956, pelo cientista da computação John McCarthy, com a designação de «inteligência artificial». Sobretudo coloca Sílvio Lima e a *Revista Filosófica* a par dos trabalhos McCulloch e Pitts, sobre as analogias entre um sistema de conexões lógicas e o sistema nervoso central, e de Norbert Wiener e John von Neumann sobre como conciliar a matemática, a lógica e o sistema nervoso. Aliás o termo cibernética deve-se ao matemático Norbert Wiener e ao seu entusiasmo com os resultados e potencialidades do que não hesitou apelidar de nova ciência.

Sílvio Lima não se refere nem cita nenhum destes autores americanos, mas mostra-se a par do assunto e do que estava em causa nos objetivos da cibernética. Contudo, ao contrário de Norbert Wiener, Sílvio Lima não se revela tão entusiasmado com a possibilidade da mente humana se comparar com ou substituir por uma mente artificial. Em todo o caso, o artigo introduz os leitores de língua

portuguesa no recente tema da recém formada disciplina da cibernética, que Sílvio Lima define com sendo a disciplina que procura fazer o exame comparativo entre humanos e robots. Estes temas haveriam de ter largo desenvolvimento ao longo das décadas seguintes e ainda hoje continuam a animar muitos investigadores. O autor termina o referido artigo afirmando sem ambiguidade que «*não existem máquinas pensantes nem pensantes mecânicos*» [LIMA 1952, 17]. Ao longo do texto o autor desenvolve a definição concetual do que se pode entender por psíquico.

O artigo de Sílvio Lima é também um bom exemplo do que Joaquim de Carvalho entendia ser o papel insubstituível da filosofia, na análise concetual, ponderação e integração dos conhecimentos adquiridos pela ciência e na avaliação crítica da mesma. «*Cérebros eletrónicos!... Pergunto: quais foram as razões íntimas que impulsionaram o cientista a realizar este matrimónio vocabular?*» [LIMA 1952, 9], pergunta o autor. Sílvio Lima não hesita em afirmar que só faz sentido falar em pensamento no ser humano, porque só ele tem consciência plena da sua existência. Além disso, o autor coimbrão atribui importância à matéria de que são feitos os seres humanos, referindo-se que os autómatos são mecanismos e não organismos. Deste modo, Sílvio Lima salienta que o biológico é insubstituível pelo eletrónico. Não podemos esquecer que estas afirmações são feitas em 1952. Hoje continua a haver, como havia na altura, quem pense de modo diferente do autor português, mas curiosamente também há quem não pense muito diferentemente dele. Leia-se, por exemplo, o livro publicado na viragem do milénio pela neurocientista inglesa, GREENFIELD 2000. Em todo o caso, teremos hoje eventualmente mais dúvidas em fazer algumas afirmações de modo tão assertivo quanto as fez Sílvio Lima, o que só prova que o discurso filosófico, ao mesmo tempo que questiona a ciência, deve constantemente rever-se a si mesmo e reinventar-se à luz dos novos conhecimentos científicos. A necessidade desta dialética estava bem consciencializada por Joaquim de Carvalho.

O número 6 da revista publica o artigo «Problemas da teoria idealista do conhecimento», da autoria de José Pecegueiro. Neste texto, uma vez mais, é salientada a necessidade de integração entre a filosofia e a ciência.

No número 10 da *Revista Filosófica* o discurso a favor da integração entre a filosofia e a ciência é explicitamente assumido através do artigo «Introdução à filosofia científica» da autoria de Euryalo Cannabrava, que corresponde também a um capítulo do autor de um curso ministrado na Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro, Brasil. Salientamos ainda no número 10 a publicação do texto do nobelizado Egas Moniz sobre a leucotomia.

No número 11 publica-se um texto de Honório Delgado sobre a relação entre a medicina e a psicologia, artigo publicado originalmente na *Revista de*

Neuropsiquiatria de Lima, Perú. O autor reflete sobre a necessidade de integrar a dualidade do físico e do mental e a necessidade de o médico saber integrar o físico e o psicológico.

O número 13 a *Revista Filosófica* continua a explicitação da urgência da relação entre a filosofia e a ciência. Neste número, no texto «Reflexões epistemológicas» da autoria de José Pecegueiro pode ler-se: «São os próprios mestres da investigação científica que a todo passo reafirmam a necessidade de correlacionar a ciência e a filosofia» [PECEGUEIRO 1955, 27]. Salienta o autor que ao contrário do passado, em que se preconizava uma distância entre filosofia e ciência, fruto de um contexto positivista em que apenas o conhecimento científico era conhecimento verdadeiro e, em contrapartida, os filósofos negavam a ciência, afirmando a sua impossibilidade de atingir o real autêntico, assiste-se, na hora em que escreve, à aproximação entre as duas áreas do conhecimento e reconhece-se o proveito da sua relação. Por causa da dimensão do artigo, em termos de número de páginas, e tendo em conta o cuidado do editor em não estender em demasia o número de páginas de cada número, o artigo continua nos números 14 e 22. – Anos mais tarde, em 1966, José Pecegueiro reunirá em livro, sob o título *Problemas da ciência e da filosofia contemporânea* e da chancela da editora Atlântida, os vários artigos que publicou na *Revista Filosófica*. Este livro foi dedicado pelo autor, entre outros, a Joaquim de Carvalho –. No número 13 escreve também, uma vez mais, Ega Moniz. Agora num texto sobre a angiografia. O autor apresenta a defesa de que foi ele e os seus colaboradores que criaram a angiografia. No número 18 é publicado o artigo «La psychochirurgie et la morale médicale» de Walter Freemann, onde também se defende o médico português.

No número 19 destacamos o artigo de Barahona Fernandes sobre Nicolai Hartmann e a psiquiatria e no número 21 o texto de Francisco Miró Quesada sobre a «Crise da ciência e a teoria da razão».

Por fim, no número 22 importa salientar o artigo de Mário Bunge da Universidade de Buenos Aires, Argentina, que procura responder à interrogação sobre se a filosofia tem progredido ao longo do século XX e se explicita que a filosofia da ciência está aumentando de volume.

A influência das ciências sobre a Filosofia não só é visível nos temas e no método de que um número crescente de filósofos se serve, mas também no modo de articular e de expor as ideias; assim, por exemplo, o modo apodítico está sendo substituído pelo hipotético [BUNGE 1959, 55-56].

Conclusão: contribuição de Joaquim de Carvalho e da *Revista Filosófica* para a consciência de um modo de fazer ciência e filosofia em Portugal.

Realizado o percurso, teremos respondido às duas perguntas que o texto se propôs responder e que foram explicitadas na introdução? Julgamos que sim. Joaquim de Carvalho é um nome incontornável na filosofia da ciência em Portugal, quer pelo trabalho que desenvolveu no âmbito da história da ciência e da filosofia em Portugal, quer pelo trabalho imenso que desenvolveu em tempos onde tudo estava ainda por fazer. A sua atividade foi verdadeiramente patriótica para a cultura portuguesa, porque a sua pesquisa historiográfica reuniu a propedêutica necessária a tudo que se poderia fazer depois. E, concretamente, a *Revista Filosófica*, que o professor figueirense fundou, contribuiu sobremaneira para o estímulo do debate e da investigação em Portugal e para o diálogo entre a ciência e a filosofia. Cumpriu esta tarefa ao reunir nas suas páginas diferentes autores de diferentes correntes e nacionalidades e sobretudo filósofos e cientistas. Além disso, a linha orientadora que Joaquim de Carvalho elegeu para a sua revista foi um verdadeiro legado que deixou às gerações vindouras sobre ao modo de desenvolver trabalho em filosofia, em relação permanente com o trabalho científico.

Referências

BERNARDO, Luís Manuel A. V. (2008) *O essencial sobre Vieira de Almeida*, Lisboa: INCM.

BUNGE, Mário (1959) A Filosofia tem progredido durante o século XX?, *Revista Filosófica* 22, Coimbra, 54-62.

CARVALHO, Amorim de (s/d) *Deus e o Homem na poesia e na filosofia*, Porto: Livraria Figueirinhas.

CARVALHO, Joaquim de (1951) Posição, *Revista Filosófica* 1, Coimbra, 5-11.

CARVALHO, Joaquim de (1951) Saber e Filosofar, *Revista Filosófica* 1, Coimbra, 13-34.

CARVALHO, Joaquim de (1978-1997) *Obra completa*, 9 volumes, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

FIGUEIREDO, Fidelino de (1922) Para a história da filosofia em Portugal, *Revista de História* XI, Lisboa, 5-14.

FITAS, Augusto J. S., Marcial A. E RODRIGUES, Maria de Fátima NUNES (2003) *Filosofia da ciência no Portugal do século XX*, Pedro CALAFATE, dir, *História do pensamento filosófico português* 5, tomo II, Lisboa: Circulo de Leitores, 421-582.

FITAS, Augusto J. S., Marcial A. E RODRIGUES, Maria de Fátima NUNES (2008) *Filosofia e história da ciência em Portugal no século XX*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

GREENFIELD, Susan A. (2000) *The private life of the brain, Emotions, consciousness, and the secret of the self*, New Jersey: Wiley

LIMA, Sílvio (1952) Cérebro eletrónicos e cérebros humanos, *Revista Filosófica* 4, Coimbra, 5-17.

MALPIQUE, Cruz (1959) Perfil intelectual e moral do Prof. Joaquim de Carvalho, AAVV, *Miscelânea de estudos a Joaquim de Carvalho* 2, Figueira da Foz: Biblioteca-Museu Joaquim de Carvalho, 109-143.

PECEGUEIRO, José (1955) Reflexões epistemológicas, *Revista Filosófica* 13, Coimbra, 27-38.

PECEGUEIRO, José (1966) *Problemas da ciência e da filosofia contemporânea*, Coimbra: Atlântida.

REAL, Miguel (2011) *O pensamento português contemporâneo 1890-2010. O labirinto da razão e a fome de Deus*, Lisboa: INCM.

TAVARES, Severiano (1954) Significado de um decénio, *Revista Portuguesa de Filosofia* 10, Braga, 337-342.

Apêndice

Índice da *Revista Filosófica*

1 – março de 1951

Joaquim de Carvalho	Posição	5
Joaquim de Carvalho	Saber e filosofar	13
Barahona Fernandes-	Ponto de vista convergente no estudo do Homem (1)	35
P. Ilídio de Sousa Ribeiro	Consequências de uma distinção em metafísica	50
Eduardo Lourenço de Faria	A liberdade como realidade situada	54

Marginália:

Joaquim de Carvalho	Estado atual do conhecimento da correspondência científica dirigida a João Jacinto de Magalhães	65
---------------------	---	----

Marcelino Coelho	O IX congresso internacional de Psicotécnica	70
	Notícias e análises de livros	74
	Sumário de revistas portuguesas e brasileiras	97
2 – julho de 1951		
Vieira de Almeida	Pontos de referência	101
Albin E Beau	A consciência histórica de Goethe	109
Cruz Malpique	Notas para um elogio da ciência desinteressada	129
Joaquim de Carvalho	Pedro da Fonseca precursor de Suárez na renovação da Metafísica	137
Ramon Piñero	Significado metafísico da saudade	141
Manuel dos Reis	A evolução do Universo	160
Marginália:		
Joaquim de Carvalho	Uma obra inédita de Pedro Nunes: Defensão do tratado da rumação do globo para a arte de navegar	176
	Notícias e análises de livros	181
	Sumário de revistas portuguesas e brasileiras	202
3 – dezembro de 1951		
Sérgio da Silva Pinto	Francisco Sanches, estudante em Braga	205
Joaquim Veríssimo Serrão	Francisco Sanches e a querela do reitorado tolosano	211
Joaquim de Carvalho	Vulto e pensamento de Francisco Sanches	229
Joaquim de Carvalho	Nas comemorações do quarto centenário do nascimento de Francisco Sanches	261
Marginália:		
Pierre van Bever	Ribeiro Sanches et Jean-Jacques Rousseau. Un problème de sources	292
	Notícia e análise de livros	295
	Sumário de revistas portuguesas e brasileiras	302
4 – abril de 1952		
Sílvio Lima	Cérebros eletrónicos e cérebros humanos	5
Joseph Moreau	<i>Spinoza et la philosophie de l'existence</i>	18
Barahona Fernandes	Miguel Bombarda, personalidade e posição doutrinária	44
Luiz Luisi	Giorgio Del Vecchio: A obra e o homem	65
Marginália:		
Joaquim de Carvalho	<i>Conclusiones de metaphysica</i> sustentadas no Colégio Franciscano do Recife	75
Joaquim Veríssimo Serrão	António de Gouveia e Miguel Montaigne: seu provável contacto	84

	Notícia e análise de livros	89
	Sumário de revistas portuguesas e brasileiras	97
	Noticiário	100
5 – agosto de 1952		
Victor Fontes	Integração psico-somo-social	103
Jacinto do Prado Coelho	História da cultura e história da literatura	117
Maria Elvira de Moraes Verney e o leibnizianismo Correia Barbosa		135
Marginália:		
	Duas cartas de Miguel de Unamuno [a Teixeira de Pascoaes]	177
	Sumário de revistas portuguesas e brasileiras	181
6 – dezembro de 1952		
Joaquim de Carvalho	In Memoriam: Teixeira de Pascoaes	183
Vieira de Almeida	Pontos de referência, II	185
José de Vargas Pecegheiro	Problemas da teoria idealista do conhecimento	196
Michele Federico Sciacca	O existencialismo como «crítica» e como «crise do historicismo imanentista»	238
Joaquim de Carvalho	Elementos constitutivos da consciência saudosa	250
Marginália:		
	Carta inédita de Berdiaeff acerca de Teixeira de Pascoes	255
	Notícia e análise de livros	258
	Sumário de revista portuguesas e brasileiras	265
7 – março de 1953		
L. Bourdon	<i>Avis des astronomes portugais sur le projet grégorien de réforme du calendrier</i>	5
Vieira de Almeida	Pontos de referência, III	47
João Alberto Lopes	Esquema e dificuldades do pensamento de Sampaio Bruno	62
Marginália:		
Maria Amélia Machado Santos	Um inédito de Álvaro Gomes	75
	Primeira semana brasileira de filosofia	88
José Maciel Fortes	As escolas de enfermagem e os novos paradigmas	90
	Sumários de revistas portuguesas e brasileiras	93
8 – setembro de 1953		

J. Cruz Costa	A República em Portugal e a atitude da Igreja Positivista do Brasil	95
G. Bastide	<i>Le temps, la durée et l'éternité dans la philosophie de Spinoza</i>	109
Lourival Gomes Machado	Posição do Tomás António Gonzaga no jusnaturalismo	127
	Notícia e análise de livros	154
	Sumário de revistas portuguesas e brasileiras	172
	Noticiário	175
9 – dezembro de 1953		
P. João Ferreira	Introdução ao estudo do «Liber de anima» de Pedro Hispano	177
Vieira de Almeida	Pontos de referência	199
Santino Caramella	Percepção e transpercepção	211
José Pecegueiro	O empirismo filosófico de Raymundo Pardo	223
J. De Albuquerque e Castro	Sentido contemporâneo do fenómeno musical	235
	Notícia e análise de livros	252
	Sumário de revistas portuguesas e brasileiras	258
	Noticiário	260
10 – maio de 1954		
Egas Moniz	A Leucotomia está em causa	5
Euryalo Cannabrava	Introdução à filosofia científica	33
Michele Federico Sciacca	O valor como «vivido» e o valor como «visto»	53
Eduardo Lourenço de Faria	Situação do existencialismo	62
Joaquim de Carvalho	Morte e imanência no pensamento de Antero de Quental	71
Vieira de Almeida	In Memoriam, Edmundo Curvelo	83
Marginália:		
M Garcia Blanco	Teixeira de Pascoaes y Unamuno	85
Fr. João Ferreira	Um grande português nas cortes de Leira de 1254: Mestre Pedro Hispano	92
	Sumário de revistas portuguesas e brasileiras	98
	Noticiário	100
11 – setembro de 1954		
Rómulo de Carvalho	A pretensa descoberta da lei das ações magnéticas, por Dalla Bella, em 1781, na Universidade de Coimbra	103
José Pecegueiro	Filosofia grega e filosofia contemporânea	139
Honório Delgado	A medicina e a psicologia	168

	Sumário de revistas portuguesas e brasileiras	199
12 – dezembro de 1954		
Fernando de Azevedo	O ensino e as pesquisas sociológicas no Brasil	201
Vieira de Almeida	Pontos de referência	218
Eduardo Lourenço de Faria	Situação do existencialismo	229
Cyro dos Anjos	A criação literária	245
	Sumário de revistas portuguesas e brasileiras	317
13 – maio de 1955		
Augusto Guzzo	Idealismo transcendental	5
Pierre van Bever	<i>Esthétique et liberté</i>	22
José Pecegueiro	Reflexões epistemológicas	27
Michele Federico Sciacca	Notas sobre ontologia e as provas de existência de Deus em Antônio Rosmini	39
Alexandre Correia	A política de José de Maistre	44
Lorenzo Giusso	Acerca de Campanella	54
Marginália:		71
	Noticiário	73
	Sumário de revistas portuguesas e brasileiras	102
14 – setembro de 1955		
Egas Moniz	Subsídios para a história da angiografia	105
Victor Matos	Significação da consciência mítica	122
Alexandre Correia	A política de José de Maistre	135
José Pecegueiro	Reflexões epistemológicas	145
Alain Guy	l'axiologie personnaliste de Georges Bastide	157
João Cruz Costa	Transoceanismo e valores morais	179
Sílvio Lima	Reflexões sobre a consciência saudosa	188
Marginália:		
	Duas cartas de D'Alembert e de Euler (Pai), dirigidas a Ribeiro Sanches	197
	Sumário de revistas portuguesas e brasileiras	202
15 – dezembro de 1955		
Joaquim de Carvalho	In memoriam [Egas Moniz]	205
Cruz Costa	Um representante do «germanismo» no Brasil	207
Jorge de B. A. Freitas	Impensabilidade do irracional do possibilismo epistemológico	216
Rómulo de Carvalho	Portugal nas « <i>Philosophical transactions</i> », nos séculos XVII e XVIII	231

Giorgio Del Vecchio	Sobre a politicidade do direito	261
Marginália:		
M. de Jong	Fernando Pessoa, poetas portugueses	282
	Sumário de revistas portuguesas e brasileiras	297
 16 – maio de 1956		
Eduardo Prado de Mendonça	Valor ontológico dos primeiros princípios	5
Rómulo de Carvalho	Portugal nas « <i>Philosophical transactions</i> », nos séculos XVII e XVIII	94
	Sumário de revistas portuguesas e brasileiras	121
 17 – agosto de 1956		
Evaristo de Morais Filho	Fases do pensamento de Comte	125
João Alberto Lopes	Necessidade, contingência e espiritismo em Sampaio Bruno	137
Alexandre Correia	A política de José de Maistre	143
Werner Goldschmidt	A culpabilidade e o inconsciente.	182
	Sumário de revistas portuguesas e brasileiras	200
 18 – dezembro de 1956		
Walter Freemann	<i>La psychochirurgie et la morale médicale</i>	203
Honório Delgado	Nicolai Hartmann e o reino do espírito	213
Jos. F. Busch	<i>La philosophie de l'activité stérile</i>	234
Lineu de Camargo Schützer	O poema moral de Hesíodo	249
Florestan Fernandes	Tendências teóricas da moderna investigação etnológica no Brasil	266
	Sumário de revistas portuguesas e brasileiras	292
 19 – maio de 1957		
Barahona Fernandes	Notas sobre Nicolai Hartmann e a Psiquiatria	5
Abel Naranjo Villegas	El Castellano Filosofico	18
Florestan Fernandes	Tendências teóricas da moderna investigação etnológica no Brasil	58
	Notícia e análise de livros	118
	Sumário de revistas portuguesas e brasileiras	128
 20 – agosto de 1957		
Joaquim de Carvalho	No centenário de Augusto Comte	131

Cruz Costa	Origem, fastígio e declínio do positivismo no Brasil	135
J. Seabra Dinis	O positivismo na vida e na obra de Júlio de Matos	146
Vieira de Almeida	Positivismo e positividade	169
Ivan Lins	Augusto Comte e a ciência	180
Joel Serrão	Sampaio Bruno e o positivismo	228
Sílvio Lima	Comte, o positivismo e a psicologia	246
	Notícia e análise de livros	253
	Sumário de revistas portuguesas e brasileiras	266
21 – dezembro de 1957		
Francisco Miró Quesada	Crise da ciência e teoria da razão	269
Leopoldo Zea	Fenomenologia e dialética da direita e da esquerda	283
Risieri Frondizi	Valor e situação	290
Francisco António Avelino	Filosofia, veracidade e originalidade	298
João Oliveira e Silva	Endocrinologia e psiquiatria	307
	Notícia e análise de livros	344
	Noticiário	360
	Sumário de revistas portuguesas e brasileiras	369
22 – maio de 1959		
Joaquim Montezuma de Carvalho	In Memoriam [Joaquim de Carvalho]	5
Américo Castro	Ser e valer: Duas dimensões do passado historiável	8
Mário Bunge	A filosofia tem progredido durante o século XX?	54
José Pecegueiro	Reflexões epistemológicas	63
	La América Española	74
Miguel Reale	Cristianismo e razão de estado no Renascimento Lusíada	88
	Sumário de revistas portuguesas e brasileiras	126